

Arqueologia História

Volume nº 58|59 - 2006|2007

Revista da Associação dos Arqueólogos Portugueses

In Memoriam

Teresa Gamito
João José Fernandes
Gomes



A Casa da Flor da Murta

Eduardo Sucena

D. João V foi um mulherengo impenitente cujas aventuras amorosas a História registou e alguns escritores, entre os quais Alberto Pimentel (*As Amantes de D. João V*), Júlio Dantas (*O Amor em Portugal no século XVIII*) e Rocha Martins (*Dona Flor da Murta*), dissecaram e romancearam. À parte o caso da famosa Madre Paula, freira do Convento de Odivelas, que parece ter sido a sua única paixão duradoura e que maior pasto terá dado às coscuvilhices contemporâneas, o de D. Luísa Clara de Portugal, dama do Paço, “Uma bonita mulher, branca e loira, possuidora de uns magníficos olhos azuis onde os do Rei se perdiam como no céu”¹ foi talvez o mais badalado na época.

¹ Francisco Câncio, *Lisboa-Tempos Idos*, vol. II, Lisboa, 1958, p. 150.



D. Maria Clara de Portugal, da Casa da Flor da Murta

Dizia-se que D. João V, encantado com a beleza dela, lhe dava o galante epíteto de *Flor da Murta* e que até lhe dedicara a seguinte quadra, na verdade de autor anónimo:

Flor da Murta,
Raminho de freixo,
Deixar de amar-te
É que eu não deixo.

Ora, *Flor da Murta* não era como, por exemplo, *Flor da Altura* (Leonor Teles) ou *Colo de Garça* (Inês de Castro), um *sobriquet* terno, mas o nome da casa senhorial a que D. Luísa Clara de Portugal pertencia pelo casamento com D. Jorge de Meneses, e que teve o seu palácio na Rua de S. Bento fazendo esquina com a Rua do Poço dos Negros, o qual ainda hoje se pode ver ostentado no cunhal daquela esquina a respectiva pedra de armas.

² G. de Matos Sequeira, *Depois do Terramoto*, vol. II, Lisboa, Academia de Ciências de Lisboa, 1967, p. 55.

A Casa da Flor da Murta era um ramo da nobilíssima família Meneses, uma das mais ilustres e antiga da Península Ibérica, cuja genealogia o *Armorial Lusitano* remonta a Fruela II, rei de Leão e da Galiza. A sua ascendência, que tomou o nome da antiga vila castelhana de Meneses, no tempo de D. Telo Peres de Meneses veio a adoptar também o patronímico Teles, passando os Teles de Meneses a Portugal, dos quais um dos seus membros foi a rainha D. Leonor Teles de Meneses, mulher de D. Fernando I.

No que respeita, directamente, à Casa da Flor da Murta, provêm este ramo por varonia legítima de D. Pedro de Meneses, primeiro senhor de Formoselhe, segundo filho de D. Jorge de Meneses, quinto senhor de Cantanhede, e de sua mulher D. Leonor Manuel (esta filha de D. João de Sotomaior, senhor de Alconchel, e de sua mulher D. Joana Manuel). Um outro D. Pedro de Meneses, primeiro conde e terceiro senhor de Cantanhede e sua mulher D. Leonor de Meneses foram os avós paternos do também D. Pedro de Meneses, fundador da Casa da Flor da Murta, que foi casado com D. Mécia Manuel de quem teve um filho, D. Jorge de Meneses, o qual venceu uma demanda sobre a Casa de Alconchel, em Espanha, e foi senhor dessa vila e de Formoselhe. Este D. Jorge de Meneses,

que viveu no século XVI, foi casado com D. Guiomar da Silva de Faria (dos Farias, alcaides-mores de Palmela) de quem teve D. António de Meneses Sotomaior, que lhe sucedeu, o qual entre outros filhos teve D. João de Meneses e D. António de Meneses, que pelo seu casamento com D. Mariana da Silva foi senhor da Casa de Soure.

O *Livro de Oiro da Nobreza* de Domingos de Araújo Affonso e Ruy Dique Travassos Valdez deixa-nos, porém, algumas dúvidas, que isto da genealogia é ciência pouco exacta e particularmente ingrata. Sabe-se, no entanto, que outro D. António de Meneses e D. Antónia Margarida foram os pais de D. Jorge de Meneses (e de mais quatro irmãos deste)², o que foi casado com D. Luísa Clara de Portugal, da Casa Castelo Melhor (Vasconcelos e Sousa), de quem teve três filhos: D. António, D. Bernardo e D. José. Foi com estes filhos que ele se retirou para a sua casa do Morgado da Terrugem, hoje pertencente à Câmara Municipal de Oeiras, quando teve conhecimento da infidelidade da mulher, nunca mais dali saíndo durante os cinco anos que ainda viveu.

Quanto à origem e entrada na posse da Casa da Flor da Murta do palácio das ruas de S. Bento e do Poço dos Negros, onde D. Jorge vivia em 1731 com D. Luísa Clara e até esta se ter tornado amante do rei há, pelo menos, duas versões. Segundo uma delas, na sua origem teria estado uma casa nobre que no século XVI pertenceu aos Pereira Faria, senhores de Alconchel (e, pelo que atrás se disse, alcaides-mores de Palmela) a cuja família pertencia D. Guiomar da Silva Faria, mulher do D. Jorge de Meneses por via do qual o palácio entrou na Casa da Flor da Murta de que aquele era o representante. Noutra versão, essa primitiva casa nobre terá sido integrada, no século XVII, no Morgado da Terrugem, instituído em 1681 por Pedro Jacques de Magalhães, primeiro visconde da Fonte Arcada, general das guerras da Restauração e governador de armas da Beira. Este casou em segundas núpcias com D. Maria Vicência de Vilhena e tiveram uma filha, D. Madalena de Vilhena, a qual por sua vez casou com D. António de Meneses de Sotomaior (dos Meneses de Cantanhede), Morgado de Sousa. Por este casamento ficaram ligados o Morgado da Terrugem e a Casa da Flor da Murta, passando o palácio de Lisboa a ser habitado pelos Meneses. Há aqui, porém, uma discrepância, pois, segundo o citado *Livro de Oiro da Nobreza*, aquele D. António de Meneses de Sotomaior foi casado com D. Cecília de Mendonça e Meneses. Será que ele casou duas vezes?

O edifício das ruas de S. Bento e do Poço dos Negros terá sido reedificado no século XVI, talvez no tempo dos Pereira Faria, e sofreu obras de restauro no século XVII quando já na posse da Casa da Flor da Murta, devendo datar de então a sua arquitectura, pois o terramoto de 1755 só o afectou ligeiramente, sendo a sua fachada sul prolongada no século XIX. Tratava-se de uma sumptuosa casa nobre com capela da invocação de Nossa Senhora de Monserrate, jardim com uma fonte monumental e aposentos decorados com silhares de azulejos, alguns holandeses do século XVII, e tectos apainelados e de pinturas sobre tela.

Nos anos quarenta do século XX vivia lá D. António de Meneses o último descendente de D. Jorge de Meneses que habitou o edifício, já na sua maior parte arrendado desde 1890, e onde estiveram instaladas firmas comerciais, um serviço público e vários inquilinos particulares.

Voltando à geração da Casa da Flor da Murta: um neto de D. Jorge e de D. Luísa Clara, que se notabilizou, foi D. António Maria de Meneses Portugal, moço-fidalgo

com exercício na Casa Real, senhor das Casas do Lavre e da Flor da Murta, Morgado de Soure e de S. Francisco da Ponte de Sôr, senhor do Paúl da Badoeira, no Algarve, capitão da cavalaria, condecorado com as medalhas de campanha da Guerra Peninsular e de honra da batalha da Albuhera e comendador da Ordem de Cristo, que casou em 1823 com D. Ana Mafalda da Cunha. Deste casamento teve um filho, que lhe sucedeu, D. Manuel Maria de Meneses, falecido em 1909, que terá sido o pai de D. António Meneses, atrás mencionado, último ocupante do palácio e, ao que supomos, pela extinção da varonia das Casas dos Marqueses de Marialva, dos senhores da Ponte da Barca, dos Marqueses de Lourçal, dos senhores de Oliveira e dos Comendadores de Grândola, o último chefe dos Meneses em Portugal e também da Casa da Flor da Murta.

Para terminar, diremos que além dos filhos que deu ao seu marido, D. Luísa Clara deu a D. João V uma filha – D. Maria Rita de Portugal – que professou no Convento de Santos-o-Novo e que, tal como a sua mãe, foi conhecida por “Flor da Murta”. E, a fazermos fé em Camilo Castelo Branco³, ela terá sido ainda mãe de dois dos *Meninos de Palhavã*, D. Gaspar e D. José, o primeiro arcebispo de Braga, e o segundo Inquisidor-Geral do Santo Ofício.

³ Camilo Castelo Branco, *O Perfil do Marquês de Pombal*, Lisboa, Folhas e Letras, 2003, p. 120.



Associação dos Arqueólogos Portugueses

